

## **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA TOCANTINA: O COLÉGIO BATISTA DE TOCANTÍNIA**

HISTORIA DE LA EDUCACIÓN EN LA AMAZONAS TOCANTINA: EL COLEGIO BATISTA DE TOCANTÍNIA

HISTORY OF EDUCATION IN THE TOCANTINA AMAZON: THE BAPTIST SCHOOL OF TOCANTÍNIA

### **BORGES, NÁDIA FLAUSINO VIEIRA**

Mestre em Educação - UFT

E-mail: [nadiaflausino@uft.edu.br](mailto:nadiaflausino@uft.edu.br)

#### **RESUMO**

O artigo aborda a história do Colégio Batista do Tocantins, situado na antiga região norte goiano. A pesquisa segue os passos: fundamentação teórica sobre instituições educativas, análise de documentos e construção da narrativa com base nos relatos de ex-alunos. Discute-se a influência sociocultural da escola na cidade e no estado, destacando sua confessionalidade desde 1936. Para atingir seu objetivo, foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais e de campo (entrevistas). A metodologia utilizada nas entrevistas foi a história oral, inspirada em Verena Alberti e Sebe Meihy. A fundamentação teórica baseou-se em Justino Magalhães e outros estudiosos das instituições educativas. A partir dos dados coletados, conclui-se que o colégio contribuiu para a formação de lideranças estaduais e nacionais, além de promover reflexões sobre a confessionalidade no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** : Instituição Educativa; História Oral; Tocantins.

#### **RESUMEN**

El artículo aborda la historia del Colégio Batista do Tocantins, ubicado en la antigua región norte de Goiás. La investigación sigue los pasos: fundamentación teórica sobre las instituciones educativas, análisis de documentos y construcción de la narrativa a partir de relatos de exalumnos. Se discute la influencia sociocultural del colegio en la ciudad y estado, destacando su confesionalidad desde 1936. Para lograr su objetivo se realizaron investigaciones bibliográficas, documentales y de campo (entrevistas). La metodología utilizada en las entrevistas fue la historia oral, inspirada en Verena Alberti y Sebe Meihy. La fundamentación teórica se basó en Justino Magalhães y otros estudiosos de instituciones educativas. De los datos recolectados se concluye que la escuela contribuyó a la formación de líderes estatales y nacionales, además de promover reflexiones sobre la confesionalidad en el ámbito escolar.

**PALABRAS CLAVES:** Institución educative, Historia Oral, Tocantins.

#### **ABSTRACT**

The article addresses the history of Colégio Batista do Tocantins, located in the former northern region of Goiás. The research follows the steps: theoretical foundation on educational institutions, analysis of documents and construction of the narrative based on reports from former students. The sociocultural influence of the school in the city and state is discussed, highlighting its confessionality since 1936. To achieve its objective, bibliographical, documentary and field research (interviews) were carried out. The methodology used in the interviews was oral history, inspired by Verena Alberti and Sebe Meihy. The theoretical foundation was based on Justino Magalhães and other scholars of educational institutions. From the data collected, it is concluded that the school contributed to the training of state and national leaders, in addition to promoting reflections on confessionality in the school environment.

**KEYWORDS:** Educational Institution; Oral History; Tocantins.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito historiar a instituição educativa, Escola Batista de Tocantínia (TO) através da memória dos professores, dos alunos e dos funcionários. O recorte temporal escolhido foi o período de 1936 a 2010. Dentre os objetivos específicos busca-se identificar o motivo da implantação desta instituição escolar no contexto de criação da cidade de Tocantínia e a consolidação da denominação religiosa Batista no norte goiano, atual Estado do Tocantins.

Na pesquisa bibliográfica utilizaram-se os autores que tratam de instituições educativas tais como: Noselha (2009), Nunes (2006), Sanfelice (2007) e Justino Magalhães (2004) que no livro *Tecendo nexos: história das instituições educacionais* enfatiza as instituições educacionais como espaços de transformação do indivíduo.

E isso traz consigo uma carga sócio/cultural, acontecendo a partir da discussão educação/ação, informações do contexto cultural e social ao epistemológico; a educação/conteúdo que é o conhecimento epistemológico propriamente dito e a educação/produto sendo o resultado do processo educativo.

Para a aplicação da metodologia da História Oral adotou-se Verena Alberti (2005) Santos (2008), Minayo (2001) e Triviños (1987). Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas buscando compreender a história oficial registrada nos documentos da Escola e a história narrada nas entrevistas dos sujeitos investigados. Os sujeitos entrevistados foram ex-professores da unidade escolar, ex-alunos e ex-funcionários. As entrevistas seguiram os procedimentos previstos de identificação de testemunhas, construção de roteiro de perguntas, termo de consentimento livre e esclarecido e análise dos depoimentos.

Os documentos utilizados foram: diários de professores, atas de exames, boletins de frequência e de avaliações, regimento interno, atos disciplinares, a relação dos alunos matriculados, as fotografias da unidade escolar, os recortes de jornais do antigo norte goiano sobre a Escola, o documento de criação do Grêmio Estudantil da Escola. Também foram realizadas entrevistas com ex-alunos do Colegio Batista. Os profissionais que contribuíram com a consolidação do Escola Batista de Tocantínia demonstraram em suas falas que não foi fácil a tarefa de ensinar, de trabalhar no início da cidade, mas que se sentem recompensados quando enumeram os ex-alunos que se tornaram influenciadores e líderes no Tocantins. Para os sujeitos desta história, a Escola Batista foi um projeto educativo que ajudou na construção do Estado do Tocantins.

## CONCEITUANDO INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

Entender que as instituições de ensino, as instituições educativas e instituições escolares fazem parte de um contexto social e histórico e que são marcadas por um período temporal, é essencial para compreendermos o que elas são e que fazem história e por consequente criam uma cultura, a cultura escolar. O que “envolve o conjunto do fazer escolar, aquele que determina o que ensinar, o que inculcar, os fins a atingir, mais especificamente, o que transmitir. A escola faz e transmite cultura, por meio de seus conteúdos culturais”. (OLIVEIRA; GATTI JÚNIOR, 2002). O que possibilita a criação de uma identidade institucional.

De acordo com Saviani (2005 p. 29), as instituições de ensino são criadas a partir da necessidade de se sistematizar e formalizar técnicas de aprendizagem “a institucionalização dessa forma originária de educação dará origem às instituições educativas”.

Levando em conta o caso particular da educação, notamos que se trata de uma realidade irreduzível nas sociedades humanas que se desenvolve, originariamente, de forma espontânea, assistemática, informal, portanto, de maneira indiferenciada em relação às demais práticas sociais. A institucionalização dessa forma originária de educação dará origem às instituições educativas (SAVIANI, 2005, p 29).



Nessa mesma conjuntura, Magalhães (2014) traz-nos que a necessidade da institucionalização das práticas educativas, culminou na criação das instituições educativas, ela é vista como um processo de conversão de uma instância organizacional em uma instituição de existência “a relação existencial dos atores e dos sujeitos torna-se educativa nesta dialética evolutiva e complexa do “estar” para “ser”. O momento educativo é um momento instituinte” (MAGALHÃES, 2004, p. 38).

Ao longo dos séculos passaram por inúmeras transformações, tanto no que se refere a parte arquitetônica e estrutural, assim como na pedagógica e organizacional. Para Saviani (2005 p. 28) elas foram criadas pelo homem e para o homem apresentando-se como: “[...] uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente. Por isso a instituição é criada para permanecer”.

Para tanto, Saviani (2005) reafirma a concepção de Magalhães (1998, 1999, 2004) e Oliveira e Gatti Junior (2002) acerca da sua função, sendo esta, necessariamente social.

As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a que servem. (SAVIANI, 2005, p.28).

Ainda de acordo com Magalhães (2004), por serem sociais cria-se uma formação que ele chama de triangulação clássica, que nada mais é que a relação estabelecida e criada entre “[...] a estrutura do educando/aluno/sujeito, a estrutura do educador/professor/agente e a estrutura dos conteúdos”. (MAGALHÃES, 2004, p.40). Assim, formando a complexidade educacional que caracterizam uma instituição educativa.

Nas comunidades primitivas, o papel de ensinar era realizado de maneira informal, focando em transmitir conhecimentos para subsistência e sobrevivência da comunidade. Assim, as primeiras instituições de ensino surgem na Grécia com o objetivo de capacitar e formar homens da classe dirigente.

Formar o homem das classes dirigentes era o ideal da educação grega. O professor não deveria ensinar de acordo com suas concepções, mas de acordo com a exigência da sociedade, devendo formar os futuros governantes e ocupantes dos altos cargos. O mestre filósofo era o responsável pela educação dos seus discípulos, em geral cinco e geralmente ensinava política, artes, aritmética e filosofia. (SALES, p. 2020).

Na Idade Média, esse papel foi repassado aos mosteiros, cabendo a igreja a função social de ensinar, estando apenas a população abastada apta a tal instrução. A partir da necessidade de mão de obra qualificada, surgem as primeiras instituições escolares voltadas para a classe proletária. (SALES, 2020).

Com o desenvolvimento do comércio é que surge a necessidade de aprender a ler, escrever e contar. A burguesia estimula uma escola com ensinamentos práticos para a vida e para os interesses da classe emergente. Portanto, o aparecimento da instituição escolar está diretamente ligado ao aparecimento e desenvolvimento do capitalismo. (SALES, 2020).

Assim, o processo de institucionalização das instituições educativas escolares ocorreu com o intuito de substituir o enquadramento familiar e religioso, estabelecendo uma relação entre as memórias e a cultura de uma sociedade.

A institucionalização da educação escolar como processo histórico, desenvolve-se em várias fases, culminando quando a realidade educativa deixa de ser pensada na ausência do marco escolar e em que a estrutura escolar apresenta uma internalidade complexa identitária, associada a uma influência determinante na realidade. Na sua gênese como no seu desenvolvimento, a institucionalização é uma



fase no processo evolutivo mais amplo, que corresponde ao constructo que resulta da função instituinte que se consolida na instituição. (MAGALHÃES, 2004, p. 39).

Em função disso, possibilitando a criação de uma pedagogia escolar ou pedagogia institucional a partir do processo histórico e construção dos conhecimentos que emancipa. Dessa forma, a relação educativa polariza a educação cultural de uma sociedade, estando uma instituição escolar diretamente ligada a identidade de um povo, de uma população e que cria também a identidade institucional, interligando-se e relacionando-se. Possibilitando uma complexa relação existencial de todos os sujeitos e atores, o que para Magalhães (2004) permite uma dialética evolutiva e complexa do estar para o ser em um processo construtivo duradouro.

No Brasil, a educação escolar teve seus primórdios junto com a vinda dos jesuítas para catequisarem os índios, mas especificamente em 1549, tendo em Salvador na Bahia o registro da primeira instituição, chamada de Colégio de Salvador na Bahia<sup>i</sup> dedicada especialmente a formação da elite da época, ela fora criada pela Companhia de Jesus<sup>ii</sup>. De acordo com Sales (2020), somente no século XIX que chegou ao Brasil a educação pública, até então a mesma era disponível para alta sociedade, mais precisamente em 1772, a partir da reforma denominada Pombalina, oriundas das ideias de Marques de Pombal.

Somente com a vinda da Família Real para o Brasil, é que a educação teve um impulso, mas especificamente no início dos anos de 1808. Através da criação das primeiras Faculdades de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro<sup>iii</sup> e Academia Imperial de Belas Artes, que de acordo com site do Ministério da Administração Pública Brasileira (2020), o MAPA teve seu início em 1816, através de um Decreto Imperial com o projeto da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Já, as primeiras escolas primárias foram implementadas a partir da Lei sobre o Ensino Elementar que dizia em seu art. 1º que “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias”. (BRASIL, 1827).

Como assegura Menezes (2020), outro fator relevante para a história da educação brasileira, no período republicano, ocorreu em 1920 com a criação do Movimento Escola Nova que tinha suas ideias embasadas nas concepções psicológicas e biológicas, distanciada da educação tradicional da época, tendo no Brasil um de seus líderes Anísio Teixeira.

No Brasil, a Escola Nova buscava a modernização, a democratização, a industrialização e urbanização da sociedade. Os educadores que apoiavam suas idéias entendiam que a educação seria a responsável por inserir as pessoas na ordem social. Também conhecido como escolanovismo, a Escola Nova chegou ao País na década de 1920 com as Reformas do Ensino de vários Estados brasileiros (MENEZES, 2020).

De acordo com Meneses (2020), nesse período foi definido que os alunos seriam divididos em turma de maneira seriada, visando uma aprendizagem mais igualitária, por trabalhar com faixas etárias. Em 1930, é fundado o Ministério da Educação e suas respectivas secretarias e em 1940 a educação secundária desenvolve-se e nesse mesmo ano é introduzida na Constituição de 1934, como um direito da população.

No período militar teve a criação da LDB, em 1961, que possibilitou que os estados e municípios pudessem organizar o sistema de ensino. Mas, somente na LDB de 1971 é definido a obrigatoriedade da educação primária de 08 anos. Em 1996 é feita a terceira e atual versão da LDB, que ao longo dos anos vem tendo modificações e alterações em seus artigos. Assim como nas estruturas físicas, metodológicas e organizacionais das instituições de ensino brasileiras.

Magalhães (2004), declara ainda que tais instituições fazem e/ ou fizeram parte de um determinado contexto histórico e educativo. Estando intrinsecamente ligada a comunidade à qual elas pertencem, as define como organismos vivos o que permite construir uma identidade sócia histórica da instituição.

A construção da identidade histórica das instituições educativas é um desafio de complexificação e de análise, integração e correlação entre uma multifatoriedade e uma multidimensionalidade, de categorias e de variáveis, criteriosamente definidas e informadas, com base em recursos metodológicos interdisciplinares – abordagem sociológica, pedagógica, econômica, organizacional, curricular, antropológica. (MAGALHÃES, 2004, p. 141).



Dando ênfase ao descrito por Magalhães (2004), Oliveira e Gatti Junior (2002) explicam também a inevitabilidade de se estabelecer uma relação entre a comunidade e a instituição de forma dialética “emerge nesse caso a necessidade de um redimensionamento dos planos espaço-temporal, privilegiando abordagens do tipo *meso*”. Desse modo, pode-se afirmar que é buscando a dimensão *meso*, que se dá vida e intensidade à História da Instituição”. (OLIVEIRA; GATTI JUNIOR, p. 74). Sendo assim, os sujeitos pertencentes a ela serão os sujeitos históricos (professores, alunos, diretores, pais) responsáveis assim, pelas práticas escolares. Levando em consideração os processos culturais que se enraízam dentro do ambiente escolar e tornando-se história.

Diante da dimensionalidade do que forma e faz uma instituição de ensino, é necessário descrever as fases históricas que elas perpassaram para entendermos os modelos que temos na atualidade, historiando-as. A história das instituições educativas está diretamente ligada com a história da educação. Para tanto, esclarece Magalhães (1999) de maneira sucinta que o processo de historiar uma instituição de ensino, possibilita escrever também sobre a própria história da educação, já que permite “o avanço no conhecimento de como a sociedade organiza e transmite o conhecimento escolar e a aproximação do pesquisador com seu objeto de pesquisa” (MAGALHÃES, 1999 p. 07).

Assim, para além da instituição familiar votada, pelas suas próprias características, ao exercício da educação espontânea, vale dizer, do trabalho pedagógico primário, encontramos instituições como sindicatos, igrejas, partidos, associações de diferentes tipos, leigas e confessionais, que, além de desenvolver atividade educativa informal, podem, também, desenvolver trabalho pedagógico secundário, seja organizando e promovendo modalidades específicas de educação formal, seja mantendo escolas próprias em caráter permanente. Nesse âmbito, as instituições que se destacam nitidamente entre as demais, são, sem dúvida, a Igreja e o Estado. No entanto, não podemos perder de vista que mesmo a família que, como se observou, se dedica ao trabalho pedagógico primário pôde albergar, durante um período relativamente longo, uma instituição educativa, qual seja, a instituição do preceptorado. (SAVIANI, 2005, p. 30).

Werle, Britto, Colau (2007 p. 148), afirmam que as instituições educativas escolares têm sua história principal formada em seu interior, o que “envolve a descrição sobre seu ciclo de vida, desde a criação, desenvolvimento, extensão, elementos arquitetônicos corpo docente, alunos, bem como as propostas pedagógicas que dela a formam”.

A apropriação dos elementos que constituem a base material da instituição escolar não é um processo circunscrito à comunidade interna, mas ampliado para a cidade. A materialidade da escola tem significado para a identidade institucional e para a sociedade, para os moradores das cercanias do prédio escolar. Implica na vida dos moradores das cidades, mesmo que estes não tenham estudado, trabalhado ou enviado seus filhos e netos para aquele estabelecimento de ensino. A cidade como um todo pertence a escola e portanto, a preservação da memória de instituições escolares afeta ao ambiente na qual a escola se insere, às ruas e demais prédios, à vizinhança, bairro. (WERLE; BRITTO e COLAU, P. 160).

De tal modo, compreende-se que toda instituição de ensino, sejam elas confessionais, públicas, entre outras configurações, estão em uma dimensão temporal e que por sua vez, transforma todos os acontecimentos, em fatos históricos, a partir das relações sociais nelas criadas.

Caminhar pelos espaços da escola propicia a apropriação de sua topografia. Espaços interditos, espaços exclusivos são mapeados diferentemente pelos componentes da instituição escolar. [...]A dimensão do prédio e a relação dos aposentos bem como a faixa etária e funções dos seus ocupantes configuram percepções e apropriações que ficam marcadas na memória dos que passaram pela instituição escolar. (WERLE, BRITTO, COLAU, p. 154).

Nesse sentido, os autores enfatizam ainda que os espaços escolares também se modificam ao longo do tempo.



Ao longo do tempo, tais relações com os espaços vão sendo reinventadas não apenas no plano da transgressão individual ou de grupo, mas pela própria instituição, pelos novos projetos institucionais em decorrência das novas exigências de espaços e de reorganização administrativa. Assim, um imenso pátio ao ar livre em determinado período da história institucional passa a ser limitado pelo pavilhão de educação física construído nos mais modernos requisitos arquitetônicos que fala da atualização da proposta educativa da escola e do esforço de diversificação de atividades, mas que elimina a vista que se descortinava da escola para a cidade. (WERLE, BRITTO, COLAU, p. 155).

## HISTORIANDO A INSTITUIÇÃO

A história do Colégio Batista do Tocantins começou com a missionária Beatriz Rodrigues da Silva, que em 25 de janeiro de 1936, a bordo do navio Itapé, deixava o Rio de Janeiro, para atender um apelo de gente simples do sertão. Chegou à Tocantínia em 28 de fevereiro e, três dias depois, em 2 de março de 1936, fundava a Escola Batista da Junta de Missões Nacionais, atual Colégio Batista do Tocantins e, por muitos anos, foi diretora da Instituição.

Outra professora que teve um papel fundamental foi Margarida Lemos Gonçalves, que por trinta e dois anos dirigiu a escola. Tilda Evaristo da Silva foi outra docente que também foi diretora do CBT e, em seguida, a professora Joselita Amorim que esteve na direção da escola por outros 10 anos.

O primeiro nome dado a cidade de Tocantínia foi **Tereza Cristina**, em homenagem a então Imperatriz do Brasil esposa de D. Pedro II, sendo mais tarde substituído por **Piabanha**, devido a existência de um ribeirão com este nome. Somente em 1936, recebeu o nome de **Tocantínia** por iniciativa do Deputado João de Abreu, motivado pelo Rio Tocantins. No entanto, só veio a ser emancipada em **7 de outubro de 1953**, rompendo definitivamente sua ligação com o município de Pedro Afonso, conquistando autonomia política.

No dia 18 de setembro de 1935, foi apresentada pela primeira vez como a mais nova missionária da JMN na Reunião da Convenção Batista do Distrito Federal. Beatriz deveria seguir para Piabanha a fim de desenvolver uma missão entre os índios xerentes:

Acreditando ser alguém chamada por Deus para evangelizar e civilizar os nativos, a missionária despediu-se da família no dia 25 de janeiro de 1936. Depois de mais de 30 dias de viagem, na sexta-feira 28 de fevereiro de 1936, Beatriz chegou ao seu destino. A ida de Beatriz para a região de Piabanha teria sido fruto do suposto desespero dos índios xerentes, que estariam clamando pela presença de missionários na região. Em 1930, Bratcher afirmou que chefes da referida etnia teriam andado quilômetros a pé em busca do “PÃO DA VIDA”.

A citação abaixo ajuda a entender as possíveis razões da abertura de um trabalho missionário entre os nativos daquela localidade:

Numa carta recente do nosso missionário em Carolina temos a informação duma comissão que foi de Piabanha à cidade de Carolina para pedir aos nossos missionários para mandarem alguém ajudá-los. Esta comissão era composta do chefe e um outro índio, de uma aldeia no lugar acima mencionado. São dos xerentes, uma tribo que conhece a língua portuguesa e por isso fácil de serem atingidos pelos nossos missionários. Os irmãos devem se lembrar que esse pedido foi voluntário da parte dos índios. Mostram que eles conhecem o nosso trabalho e estão ansiosos de receber as mesmas bênçãos. Nós devemos atender a este apelo. Não devemos virar as costas e dizer a estes índios que não temos nada para eles. Se eles viessem pedir pão, as nossas mãos estariam abertas. Eles vêm pedir uma coisa muito mais necessária muito mais importante, PÃO DA VIDA. Como é que nós podemos dizer, não?

Seis anos após esse “apelo” dos xerentes, Beatriz Silva passou a trabalhar na região de Piabanha como missionária da JMN. A disposição dos nativos em “aceitar o evangelho” foi a principal justificativa usada por Bratcher para angariar recursos entre as igrejas batistas no Brasil. Dizia-se feliz, pois Beatriz partira para o campo mostrando convicção de ter atendido ao “chamado do mestre”. Nas palavras proferidas por Beatriz Silva perante a Convenção Batista Federal, percebe-se em suas considerações um discurso de convencimento ao demonstrar preocupação com o alcance das “almas sem esperança”. Os índios deveriam conhecer os princípios protestantes para poder sair da “situação de miséria” na qual se encontravam. Uma escola seria criada para que os nativos da região fossem inseridos na “sociedade nacional”.



Beatriz Silva foi designada como responsável pela organização da escola, que deveria servir como um espaço auxiliar para facilitar o processo de catequização. Outro ponto a ser observado é o da ideia de promotores do progresso e da civilização, que esteve presente nos discursos da Junta, bem como no da referida missionária. Os nativos eram sempre os atrasados e os protestantes aqueles que, com a ajuda divina, iriam tirá-los da condição de miséria da qual supostamente viviam.

No dia de sua chegada, Beatriz participou da criação da Escola Batista de Piabanha. A instituição tornou-se o principal centro de evangelização dos índios xerentes a partir daquele momento. Dois dias após a inauguração, em 02 de março, a Escola deu início às atividades com a presença de vinte e dois alunos (índios e sertanejos). A instituição acompanhou a proposta de Getúlio Vargas de civilizar os nativos e inseri-los na “sociedade nacional”. Além das matérias comuns (português, matemática, ciências, história, geografia etc.), organizações foram criadas para que os nativos entendessem a importância de uma vida regrada nos “princípios básicos de civilidade”.

Margarida Lemos Gonçalves, biografa de Beatriz Silva, faz uma descrição dos trabalhos que teriam sido desenvolvidos pela missionária. É certo que os relatos abaixo são de uma pessoa ligada à denominação, mas mostram a importância do trabalho da missionária entre os indígenas na região, bem os resultados obtidos com a sua chegada. Nota-se a importância que a missionária deu à educação, mesmo com alguns líderes da JMN se opondo ao trabalho educacional em conjunto com a evangelização.

A missionária-professora mantinha na Escola:

1. O Pelotão de Saúde, responsável pela higiene do aluno (do corpo e dos utensílios escolares), bem como da sala de aula e até do ambiente em que o aluno se envolvia no lar. A Escola exigia, por meio de seu Pelotão, que os alunos conservassem limpos os quintais de suas casas e as instalações sanitárias [...];
2. O Grêmio Littero-Esportivo Rui Barbosa, que cuidava da vida intelectual dos alunos, incentivando a leitura, organizando festas, criando músicas, promovendo competições literárias, tudo com o objetivo de trabalhar a vida dos cidadãos de amanhã. Por muito tempo não houve eleições no Brasil. Mas o Grêmio Rui Barbosa as utilizava anualmente na escolha da nova diretoria [...]
3. O Grêmio de Ex-Alunos, que passou a se chamar Beatriz Silva, cuja diretoria era escolhida pelos que já haviam passado pelo Colégio e que se reuniam uma vez por ano, quando voltavam e participavam de um programa de festividades que acontecia sempre no primeiro sábado de julho [...].<sup>v</sup> A “Associação de Alunos Evangélicos”, que surgiu após a implantação do curso Fundamental e Médio, cuja função era não apenas aperfeiçoar a vida cristã dos alunos crentes, mas também evangelizar os que não conheciam Jesus.<sup>vi</sup>

Os dois principais objetivos de Beatriz Silva em Tocantínia são contemplados na citação acima. Evangelização e educação deveriam caminhar de mãos dadas. Iniciando com a instrução bíblica, passando pelo ensino de princípios democráticos, e indo até a limpeza das instalações sanitárias das residências, a missão prometia cumprir os ideais da Junta e do Estado, evangelizando “os que não conheciam Jesus” e inserindo os nativos na “sociedade nacional”.

O collegio conta com 29 matriculados, e, desses 20 frequentam regularmente a Escola Dominical. Estou bem animada com o trabalho das senhoras; já fizemos o estudo do Manual da União Geral, conseguindo que seis se apresentassem para o exame; destas, quatro passaram com o grau superior a 95. Tenho muitas esperanças no trabalho todo, especialmente com os pequenos. Hoje tivemos 29 na E. D. Peço que os rogos sejam levantados a favor desta criançada.<sup>vii</sup>

As primeiras notícias levadas a público não poderiam ser diferentes. Por duas possíveis razões Beatriz informou que estava “bem animada” com o desenvolvimento de sua missão. A primeira era a novidade. Os índios empolgados com a presença da missionária demonstravam interesse naquilo que ela estava trazendo para a região. A construção de uma escola com recursos próprios e a disposição de ir de casa em casa chamando as pessoas para participar dos cultos aumentava o interesse da população local. Nesse sentido, a divulgação do trabalho entre os nativos não poderia ser diferente. Era importante demonstrar o sucesso dos seus esforços na missão. A segunda, mesmo que de ordem diferente, esteve ligada à importância da propaganda missionária em um periódico de grande circulação. Informar o desenvolvimento de trabalhos missionários em jornais protestantes era de suma importância para dar maior visibilidade à missão, bem como para estimular as ofertas daqueles que se sentiam sensibilizados com as notícias recebidas. Em



1938 Beatriz Silva mostrou felicidade ao relatar os progressos obtidos nos trabalhos em Tocantínia e em Bela Vista. Afirmou que o número de conversos só crescia, que as escolas dominicais possuíam mais alunos a cada domingo, e que no Colégio a procura por vagas aumentava todos os dias. Pedia para que a Junta enviasse mais missionários para que o trabalho se realizasse de forma tranquila. Em 1940, descreveu com entusiasmo que o trabalho educacional estava em franco progresso. Naquele ano, [...] Treze alunos do Colegio se decidiram, sendo quatro internos. Agora três alunos deram profissão de fé, razão por que me sinto muito alegre. Nosso Colegio está com a matrícula encerrada em cem, por não poder admitir mais alunos. Temos agora dez internos muito ativos em todos os trabalhos da Igreja”. Em 1943, Beatriz tornou pública a viagem que realizou por várias cidades na região em que trabalhava, mostrando-se feliz pelo fato de muitas pessoas terem se convertido devido às suas pregações.

Em suas andanças era sempre acompanhada por “Dudú, aquela moça que se converteu em 1936 e passou a ajudar-me no Colegio [...]”. No mesmo ano, relatou que em cidades da região estavam sendo implantadas Escolas Populares Batistas, nas quais índios e sertanejos aprendiam a ler e a escrever.

Segundo Beatriz Silva, em todos os locais que ela passava as pessoas “insistiam” para que um trabalho batista fosse instalado. Em virtude da suposta sede do evangelho demonstrada pelo povo da região, solicitou à JMN trabalhadores que lhe auxiliasse no seu campo de atuação. Pelo menos três vezes por semestre, cartas, avisos, pedidos de ofertas, pedidos de oração e agradecimentos eram noticiados, a fim de que seus interlocutores tomassem conhecimento do desenvolvimento dos trabalhos.

Além disso, Beatriz utilizou O Jornal para agradecer aos leitores de suas notícias, em sua maioria mulheres, que enviavam diversos tipos de ofertas (dinheiro, roupas, ferramentas, alimentos, remédios, material escolar etc.) para auxiliá-la na catequese dos indígenas. Agradecia também aos que escreviam para desejar-lhe sucesso em seu trabalho na missão. Segundo o redator d’O Jornal Batista, a propaganda também objetivava mostrar para a população brasileira, bem como para as autoridades constituídas, que entre os índios e os sertanejos: [...] os batistas mantêm escolas diárias com refeições, livros, roupas gratuitas, para os índios, bem como no centro de Goiás, sob a direção de pessoas com o curso normal completo; mantem uma enfermeira formada, tirada da chefia do Pronto Socorro de Recife; mantêm um dentista formado na Faculdade de Odontologia da Universidade do Brasil. Poderíamos ainda mencionar o trabalho que o Dr. L.M. Bratcher<sup>viii</sup>, norte americano que tem dedicado a vida e dinheiro em benefício dos índios e do sertanejo de nossa terra, fazendo ele como individuo, e além de tudo estrangeiro, o que missão nenhuma fez por maior subvenções que tivesse. Essa construção discursiva baseada no sucesso foi analisada por Dana L. Robert em sua crítica às histórias missionárias narradas como tratados de pessoas que abandonam suas vidas e seus ideais em busca de um objetivo superior e celeste, pondo em risco sua integridade por aquilo que acreditam ser a vontade divina. A historiadora não mostra total descrédito pelos relatos dos missionários, nem por aquilo que eles afirmavam acreditar.

## TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS E RESULTADOS

Para narradores especialmente articulados, as perguntas são um contraponto contra o qual eles definem sua experiência. Bons entrevistadores ouvem atentamente e tentam alinhar mais de perto suas perguntas com o que o narrador acha importante, e a memória torna-se crucial para o resultado de histórias que poderiam se perder com o passar do tempo.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea. (NORA, 1993, p. 14).

O entrevistado ao ser perguntado acerca da relação professor-aluno na escola, Júnior Maciel, ex-aluno do Colégio Batista do Tocantins, asseverou que



“a relação professor-aluno era uma relação de respeito, era um corpo docente formado em sua maioria por mulheres e estas mulheres, a maioria eram missionárias que vinham de diversas regiões do Brasil, os costumes eram diferentes e ao chegarem em Tocantínia, elas mantinham com os alunos essa relação de respeito, e na sala de aula elas demonstravam domínio sobre o assunto a ser discutido, o domínio sobre as disciplinas e exerciam também autoridade como professor, mas não eram autoritárias.”

Filon Suarte Nogueira comenta sobre o tema, corroborando com a fala anterior,

“a relação professor-aluno era de muito respeito de ambas as partes, os professores eram exigentes sim, mas os alunos correspondiam, aqueles que às vezes saíam da linha eram duramente repreendidos, mas sempre com muito amor, nunca ninguém passava humilhação em sala de aula, havia assim uma maneira muito amorosa de tratar os problemas com os alunos.”

Nessa mesma perspectiva o ex-aluno Ezequias Monteiro do Nascimento,

“A relação de professor e aluno era muito respeitosa, muito diferente do que a gente vê hoje, e de tal forma que nós tínhamos uma dinâmica antes de entrar para sala de aula, passava por uma reunião, dependendo disso cantava o hino nacional, depois ia para a classe, tinha horário de recreio, tudo muito organizado.”

Quando inquiridos sobre as normas da escola e o tratamento dado aos alunos, os entrevistados responderam:

“...o Colégio Batista era bastante conhecido por ter uma educação de qualidade na região e por ter normas disciplinares um pouco rígidas, os ensinamentos ali eram praticados como uma forma de educar os alunos para a vida, apesar de ter essa educação rígida não existia autoritarismo.” (Júnior Maciel, ex-aluno do Colégio Batista do Tocantins).

Seguindo a mesma linha de pensamento,

“As normas disciplinares eram bastante rígidas, havia uma disciplina que alguns consideravam até militar, mas eu não acho que fosse, era uma disciplina, mas havia muito amor, por parte das professoras, da diretora, eram muito exigentes, mas também muito compreensivas, e havia regras pra tudo, por exemplo, a gente não podia passar na calçada que ficava do lado do gabinete da secretaria do colégio, tinha umas faixas amarelas pintadas ali, a gente não podia andar por ali, havia entradas separadas de meninos e meninas, cada um entrava por uma alameda diferente e depois adentrava ao salão nobre todos os dias antes de começarem as aulas.” (Filon Suarte Nogueira, ex-aluno do Colégio Batista do Tocantins).

Sob uma ótica mais dura, o ex-aluno Ezequias afirmou que,

“A disciplina terrível, a roupa tinha que estar bem passada, o cabelo bem cortado, se “faltar” um botão, se estivesse faltando um botão tinha que voltar para casa, então assim uma disciplina é, eu acho, que idêntico ao que existe hoje no militar.”

Na perspectiva da ex-professora do Colégio Batista, Maria Rosário Damasceno,



“Dona Beatriz era muito firme nessa parte, dava um apoio ao professor, desde que ele agisse dentro da legalidade. Tudo era tratado com muita firmeza.”

Ao serem perguntados sobre a contribuição do Colégio Batista enfatizaram:

“A contribuição do Colégio pra minha vida, posso resumir que foi tudo pra mim. Eu não posso nem imaginar o que teria sido a minha vida se não fosse a minha estada ali no Colégio durante esses cinco anos, porque ali eu moldei o meu caráter, minha fé, me preparei, o estudo ali era de primeiro mundo, naquela época com tanta dificuldade...”. (Filon Suarte Nogueira, ex-aluno do Colégio Batista do Tocantins).

“O Colégio Batista de Tocantínia muito contribuiu para a formação do meu caráter, foi nesse colégio que aprendi a respeitar as pessoas, independente da classe social, da raça e da crença. Foi no Colégio Batista que aprendi valores éticos, morais e espirituais, valores estes que levarei em toda minha vida.” (Júnior Maciel, ex-aluno do Colégio Batista do Tocantins).

“...posteriormente fui para Goiânia e não tive nenhuma dificuldade, muito em função daquela base, tanto daquela base e disciplina, das disciplinas normais, a gente aprendia ali tanto matemática e português, como essa parte da disciplina de comportamento e respeito e isso foi fundamental na minha vida, até também na minha vida profissional, porque aprendi a respeitar a hierarquia, uma auto chefia e porque as pessoas que não aprendem isso na vida, então o direito da escola para mim foi fundamental.” (Ezequias Moreira do Nascimento, ex-aluno do Colégio Batista do Tocantins)

“Pra minha vida foi tudo, porque como missionária, eu aceitei o Evangelho com 22 anos de idade, em 1960, ao mesmo tempo que aceitei eu senti o chamado que eu deveria ensinar o Evangelho pra outras pessoas também...”. (Maria do Rosário, ex-professora do Colégio Batista do Tocantins)

A aceitação do pressuposto de que a escola é um lugar de memórias e de pertencimento, implica no reconhecimento que, nela são possíveis os projetos de construção das identidades sociais e coletivas. No entanto, este processo não acontece pela simples justaposição da memória individual dos alunos (SANTANA, 2016).

Conforme pode-se constatar, as memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e perpetuam lugares com referências e paisagens para um constante retorno ao passado, trazendo em si os mais diversos sentimentos documentados e expressados em narrativas, sonhos e percepções (NORA, 1993).

## CONCLUSÃO

Em 1930, o missionário Francisco Collares passou a trabalhar entre os índios Krahô, e a missionária Beatriz Silva se juntou aos dois missionários em 1936, com o objetivo de trabalhar com os indígenas. No dia de sua chegada, em 02 de março, participou da criação da Escola Batista de Piabanha (Tocantínia), a pedido do cacique Xerente, iniciando as atividades com a presença de 22 alunos (índios e sertanejos) e se tornou o principal centro de educação dos índios xerentes a partir daquele momento, e se tornaria em referência de formação das populações indígenas e sertanejas de toda a macrorregião.

Conforme cadernos de diários da época, o Colégio Batista do Tocantins, fundado na cidade de Tocantínia – TO, iniciou suas atividades no dia 2 de março de 1936, com 28 alunos matriculados pela missionária e professora Beatriz Rodrigues da Silva, que na mesma época iniciou visitas às aldeias Xerente e à vila de Bela Vista, atual cidade de Miracema do Tocantins. Logo tornou-se um dos mais importantes centros de educação do antigo Norte Goiano, hoje estado do Tocantins.

A professora e missionária Beatriz Rodrigues da Silva permaneceu na região entre 1936 e 1939 com o objetivo na evangelização e educação dos goianos e indígenas xerentes, o que reforça a relevância das mulheres dentro do protestantismo batista como educadoras e consolidadoras da expansão missionária. O que fica evidenciado na foto a seguir, que registra a presença de quatorze (14) professoras para dois (2) professores.



Imagem 01: Foto dos professores do Colégio Batista de Tocantínia registrada em 1976 em comemoração dos 40 anos da instituição educativa



Fonte: <https://www.facebook.com/cbtocantinia/>

Para Silva e Azun (2021) é importante ressaltar que a missionária participou também da fundação da Coligação das Igrejas Batistas do Vale do Tocantins, bem como da Primeira Igreja Batista de Tocantínia. Em uma de suas memórias registrada no O Jornal Batista (03-03-1938), a professora missionária mostrou grande felicidade ao relatar os progressos dos trabalhos em Tocantínia, afirmando que a procura por vagas no colégio aumentava todos os dias, e pediu para que a Junta de Missões enviasse mais missionários para que o trabalho pudesse ser ampliado.

Imagem 02 – Foto do Colégio Batista de Tocantínia publicada na Comunidade do Facebook criado pelos alunos egressos da instituição



Fonte: <https://www.facebook.com/cbtocantinia/>

Conforme a ressalva do tocantiniense Manoel Silvino (2012, s/n), ex-prefeito de Tocantínia, em entrevista a um jornal local, “essa escola faz parte do nosso patrimônio histórico. Ela contribuiu para a formação de pessoas, ainda no então Norte de Goiás, que desenvolvem atualmente importantes trabalhos no Brasil e no mundo”.

De acordo com Santos (2002), o Colégio Batista do Tocantins surgiu tanto da reivindicação de alguns moradores, como também da ausência de instituições educacionais naquela região. Oscar Sardinha, morador e pioneiro na cidade de Tocantínia, vendeu um imóvel para a missionária Beatriz, vislumbrando garantir a educação para os seus filhos. A escola tornou-se um núcleo de propagação do Evangelho Cristão. Para melhorar a docência, a União Feminina Batista do Brasil, doou uma importância significativa para escola, que atualmente seria equivalente a vinte mil reais (R\$ 20.000,00).

No início de 2011, as portas do Colégio Batista do Tocantins foram fechadas devido a uma série de problemas, inclusive pela falta de alunos, mas em 10 de agosto do mesmo ano, foi celebrado um Comodato, por 20 anos, entre a Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e o Governo do Estado do Tocantins, por intermédio da Secretaria da Educação. As portas do colégio foram reabertas em 16 de março de 2012, passando a ser administrado pelo Estado, onde foi renomeado como Colégio Estadual Batista Professora Beatriz Rodrigues da Silva, em homenagem à fundadora do Colégio Batista do Tocantins.



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. "História oral e terapia: o exemplo alemão". In: Ouvir Contar: textos em história Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 46.
- CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da História Oral: um caminho para a pesquisa histórica. In: Fragmentada. Aracaju. UNIT. 2005.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2006
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. Contributo para a história das instituições educativas - entre a memória e o arquivo. Braga: Universidade do Minho, 1996.
- \_\_\_\_\_. Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (orgs.) Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999, p.63-77.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. Tecendo Nexos: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, 1998, p.51-69.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F.. História oral: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PORTELLI, A.. Posfácio Em A. Sheftel e S. Zembrzycki (Eds.). *História oral para gravação*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan. 2013.
- SANTANA, Dorival Aparecido. A escola como lugar de memórias e de identidades: um estudo a partir de escritos de alunos do Ensino Médio do Colégio E. N. S. de Lourdes. Londrina - PR. 2013-2014. 2016.32 fls. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina - PR.
- SANTOS, Jocyléia Santana. História da profissão docente no Tocantins. Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação. V. 6, p. 728. 2002.
- SILVA, Reijane Pinheiro. O índio negado e o índio desejado: a “pacificação” dos indígenas na construção da identidade do Tocantins. Campo Grande-MS: Tellus, ano 10, n. 19, p.145-162, 2010.
- SILVINO, Manoel. Investimento do Governo do Estado resulta na reabertura do Colégio Batista de Tocantínia. Conexão Tocantins. Matéria publicada em: 16/03/2012, disponível em: [https://conexaoto.com.br/2012/03/16/investimento-do-governo-do-estado-resulta-na-reabertura-do-colegio-batista-de-tocantinia#pp\[noticia\]/1/](https://conexaoto.com.br/2012/03/16/investimento-do-governo-do-estado-resulta-na-reabertura-do-colegio-batista-de-tocantinia#pp[noticia]/1/)
- TEIXEIRA, Maria Lúcia Aguiar. A escola como lugar de memórias. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo. 2015.
- THOMPSON, E. A mente na vida: biologia, fenomenologia, e ciências da mente. Lisboa, Instituto Piaget, v.200, 2013.
- THOMPSON, P.. *A voz do passado: história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2000.
- TRUJILLO, Albeiro Mejia, TRUJILLO, Maria Francisca Ferreira. As escolas confessionais cristãs e a educação no Brasil - International Journal of English Literature and Social Sciences (IJELS), ISSN: 2456-7620 Vol-2, Issue-5, Sep-Oct, 2017 <https://dx.doi.org/10.24001/ijels.2.5.18>



VIGOTSKI, L.S. O Desenvolvimento Psicológico na Infância. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

## Entrevistas

Filon Suarte Nogueira. Entrevista concedida a J.S.S. maio de 2015.

Júnior Maciel. Entrevista concedida a J.S.S. junho de 2015

Ezequias Monteiro do Nascimento Entrevista concedida a J.S.S. junho de 2015

Maria do Rosário Entrevista concedida a J.S.S. junho de 2015

## NOTAS

<sup>i</sup> O Colégio de Salvador na Bahia, foi criado pelo Padre Manoel da Nóbrega, em 1549. Basicamente a educação consistia em ensinar a ler, contar e a respeitar os princípios católicos

<sup>ii</sup> Fundada em 1534 pelo Padre Inácio de Loyola em Portugal, espalharam-se pela Europa e chegaram ao Brasil, a convite de Dom João III em 1549, ano em que fundaram a primeira escola. Chamados de Jesuítas, foram responsáveis pela criação de mais de 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminário, Em 1759 foram expulsos do Brasil PELO Ministro Marquês de Pombal

<sup>iii</sup> A Faculdade de Medicina da Bahia, atualmente é conhecida como FMB-UFBA é uma unidade acadêmica da [Universidade Federal da Bahia](#). Trata-se da escola de medicina mais antiga do Brasil, instituída em **18 de fevereiro** de **1808** por influência do médico pernambucano [Correia Picanço](#), nove meses antes da fundação da [Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro](#), conhecida atualmente como UFRJ

<sup>iv</sup> A dimensão meso é aquele referente às organizações curriculares, assim como a dos programas dos cursos, metodologias de ensino e de aprendizagem, bem como avaliação da aprendizagem e dos programas. Nesse sentido Oliveira e Gatti (2002) a definem na história das instituições educativas como emerge a renovação do conhecimento historiográfico que visa buscar as múltiplas informações, procurando desvendar os vários significados materializados em todas as dimensões que configuram as instituições educativas

<sup>v</sup> BRATCHER, L. M. Um animal para o campo de Beatriz. O Jornal Batista. Rio de Janeiro. 26 fev. 1942. p. 6

<sup>vi</sup> SILVA, Beatriz. Boas novas que nos alegam. O Jornal Baptista. Rio de Janeiro. 10 set. 1936. p. 9.

<sup>vii</sup> \_\_\_\_\_. Cartas animadoras. O Jornal Baptista. 03 mar. 1938. p. 11.

<sup>viii</sup> \_\_\_\_\_. Notícias recentes dos missionários: Beatriz Rodrigues da Silva. O Jornal Batista. Rio de Janeiro. 06 jun. 1940. p. 5; SILVA, Beatriz. Notícia dos campos. O Jornal Batista. Rio de Janeiro. 25 fev. 1943. p. 6.

